



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9722 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

ASPECTOS DA CULTURA MATERIAL ESCOLAR: EM FOCO O FENÔMENO DAS FOLHINHAS DE ATIVIDADES EM CADERNOS DE ALUNOS 1968-2008

Joseane Cruz Monks - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

ASPECTOS DA CULTURA MATERIAL ESCOLAR: EM FOCO O FENÔMENO DAS FOLHINHAS DE ATIVIDADES EM CADERNOS DE ALUNOS 1968-2008

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa de dissertação do curso de Mestrado em Educação. Na pesquisa, procurou-se articular aspectos do campo da cultura material escolar e da História da Educação e investigou-se a produção de determinado material didático: as folhinhas de atividades produzidas por professoras, realizadas pelos alunos e fixadas em seus cadernos. Buscou-se analisar a materialidade destas folhinhas, identificando os utensílios, os equipamentos e as estratégias empíricas utilizadas pelas professoras na produção e reprodução deste material didático. Assim, identificou-se uma somatória de 14.383 folhinhas em 419 cadernos de alunos de um determinado acervo, os quais compreendem, nesta pesquisa, a periodização entre os anos de 1968 e 2008. A partir do conjunto verificado, identificou-se seis tipologias das folhinhas denominadas pelos meios de produção e reprodução, pelas quais se evidenciou a dimensão das próprias materialidades de produção e reprodução, bem como os aspectos da cultura escolar, em específico da cultura empírica da escola.

Palavras-Chave: Folhinhas. Cadernos de Alunos. Cultura Material Escolar.

Introdução

Este trabalho tem o objetivo de apresentar os resultados da pesquisa de mestrado em Educação, concluída em 2019, na qual identificou-se seis tipologias de produção e de reprodução de folhinhas de atividades, quais sejam: i) folhas escritas com caneta e/ou lápis; ii) folhas mimeografadas; iii) folhas datilografadas; iv) folhas reproduzidas com papel carbono; v) folhas fotocopiadas e vi) folhas impressas. A análise se estruturou a partir da materialidade destas folhinhas, identificando os utensílios, os equipamentos e as estratégias empíricas utilizadas pelas professoras na produção e reprodução deste material didático. Os dados trabalhados ao longo da pesquisa constituíram-se de um conjunto de 419 cadernos ^[1], 14.383 folhinhas, além de manuais pedagógicos e as Revistas do Ensino do Rio Grande do Sul utilizados como fontes complementares.

A dimensão material constituída a partir de e no fazer escolar configura-se, no campo da historiografia educacional, como fonte documental primordial que contribui e amplia as

possibilidades interpretativas dos fenômenos e/ou processos educativos. No rol deste contexto, encontra-se os vestígios materiais (classes, cadernos, cartazes, folhinhas etc.), os aspectos arquitetônicos, os utensílios e os instrumentos, os registros escritos e imagéticos. Essa ampliação está articulada à perspectiva da História Cultural (Chartier, R. 2002) que promoveu, entre outras importantes contribuições teóricas e conceituais, o alargamento das fontes a serem utilizadas, ampliando as relações de diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento. Neste sentido, em algumas pesquisas que envolvem a história da educação verificou-se certo deslocamento de interesses “das ideias e políticas educacionais para as práticas, os usos e as apropriações dos diferentes objetos” (LOPES; GALVÃO, 2010, p. 35).

Aspecto muito relevante, pois garante respaldo teórico na composição documental da pesquisa apresentada, que em consonância com essa corrente, considera e potencializa os cadernos e as folhinhas como fonte e objeto de análise, pois os compreende como produções culturais de um grupo específico em um determinado período histórico que revelam aspectos que outros documentos não permitem adentrar, como as práticas e usos escolares de diferentes artefatos. Destaca-se que as fontes documentais com as quais se operou na realização da pesquisa, quais sejam as folhinhas de atividades e os cadernos de alunos, estão salvaguardadas em um centro de memória e pesquisa, aspecto que revela e reforça a importância da manutenção destes espaços para realização de futuras pesquisas que propiciam o cenário escolar como tema de investigação.

A definição do termo folhinhas, para indicar estes materiais didáticos semiestruturados e produzidos pelas professoras, ocorreu a partir de três aspectos: a) pela forma como são denominadas no cenário educacional atual, ou seja a forma como os sujeitos (professoras, alunas e alunos) que as produzem e utilizam as nomeiam; b) pela referência aos dados observados nos cadernos verificados, como por exemplo, *folhinha de Português (CO2-1995)* e c) pelo formato material, ou seja folhas avulsas, que posteriormente são fixadas nas folhas dos cadernos. A partir da definição da nomenclatura, se estruturou a problemática central, qual seja, como e quais materiais e/ou equipamentos eram utilizados na produção e reprodução das folhinhas de atividades que estavam fixadas nos cadernos de alunos (1968 a 2008) do acervo pesquisado.

Metodologia

A pesquisa se estruturou na perspectiva da operação historiográfica (De Certeau, 2000), assim os documentos precisaram ser reagrupados, no intuito de compor novos arranjos, permitindo a interlocução com outras fontes documentais, pois “em história, tudo começa como o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira” (DE CERTEAU, 2002, p. 81). A opção foi de operar com fontes principais, quais sejam os 419 cadernos de alunos e as 14. 383 folhinhas e com fontes complementares, como por exemplo as Revistas do Ensino do Rio Grande do Sul.

Logo, compreende-se que as folhinhas fixadas nos cadernos representam determinada prática do cotidiano escolar, neste sentido os cadernos se configuram, assim como as folhinhas, como fonte e objeto de investigação, devido a correlação material (fixação das folhinhas nas folhas dos cadernos) e visto que se caracterizam, como:

[...] produto da cultura escolar, de uma forma determinada de organizar o trabalho em sala de aula, de ensinar e aprender, de introduzir os alunos no mundo dos saberes acadêmicos e dos ritmos, regras e pautas escolares (VIÑAO FRAGO, 2008, p.22).

Sendo ambos compreendidos como fonte e objeto se configuraram como importantes e potenciais elementos na escritura de uma narrativa que privilegiou os aspectos da cultura material escolar.

A partir das fontes principais se estabeleceu o recorte temporal 1968 a 2008. No caderno C1-1968^[2] se localizou a primeira folhinha de atividades no acervo, marco inicial e estabeleceu-se como marco final de coleta dos dados a presença da primeira folhinha que se configurasse, de forma explícita, como cópia ou impressão de atividades, que referenciasse endereços eletrônicos de *sites* e/ou *blogs* educacionais, verificado no caderno (C9-2008).

A organização dos dados foi realizada em um software de edição de planilhas, no qual através de uma ampla tabela, estruturada por décadas, se contemplou o preenchimento de 5 campos amplos e respectivos subcampos, quais sejam: i) dados de identificação (identificação do caderno, ano, série/ano, rede de ensino, conjunto e localidade); ii) descrição da materialidade do caderno (dimensões do caderno, encadernação e aspectos da capa); iii) aspectos gráficos do caderno (escrita do aluno, escrita do professor e marcas de organização do aluno); iv) materialidades de produção e reprodução das folhinhas (nº folhas mimeografadas, nº de folhas datilografadas, nº folhas com carbono, nº folhas escritas à caneta/ lápis, nº folhas fotocopiadas, nº folhas impressas e nº de dobras) e v) observações. A organização destes registros permitiu a interlocução e o cruzamento de dados no momento da análise. O recurso imagético, também foi importante procedimento metodológico que originou cerca de 3000 mil imagens, que foram bastante consultadas na elaboração das análises.

Salienta-se que a organização dos campos e subcampos que compõem os registros dos dados constituiu-se ao longo da própria coleta. As nomenclaturas foram sendo constituídas a partir das materialidades das folhinhas, ou seja, pelos meios (utensílios, instrumentos e técnicas) de produção e de reprodução de cada uma das folhinhas. Cabe destacar que as ações de retirada do acondicionamento físico, os registros dos dados primários, e os movimentos de folhear, desdobrar e contabilizar foram aplicados a cada um dos 419 cadernos que compõem o *corpus* da pesquisa.

Discussão e análise

Pela catalogação desenvolveu-se a organização dos dados referentes aos aspectos materiais das folhinhas, ou seja pela observação cuidadosa, minuciosa e comparativa de cada detalhe apresentado foi se compondo e nomeando cada tipologia. Foi necessário observar, isolar os indícios e pistas de cada folhinha, para sistematizar a partir do que observou e pela interpretação dos dados, os meios de produção e os meios de reprodução de cada uma.

No processo de coleta dos dados, no qual se contabilizou, com já mencionado a quantidade de 14.383 folhinhas, foi possível classificá-las em seis (06) categorias, que as ordenam por tipologia, ora contemplando os meios de produção, ora os meios de reprodução. Os utensílios e instrumentos utilizados nos processos de produção e de reprodução forneceram dados para constituir as categorizações e então estruturar o que se definiu como genealogia, ou seja, como eram as primeiras folhinhas identificadas, quais os meios de produção e reprodução foram utilizados; e como estas folhinhas e estes utensílios e equipamentos foram se modificando, transformado e permanecendo ao longo do período analisado.

As categorias estão descritas e exemplificadas a seguir:

1. folhas escritas com caneta e/ou lápis;
2. folhas mimeografadas;
3. folhas datilografadas;
4. folhas reproduzidas com papel carbono;
5. folhas fotocopiadas;
6. folhas impressas.

Na figura 1, pode-se visualizar um exemplo de cada uma das tipologias categorizadas.

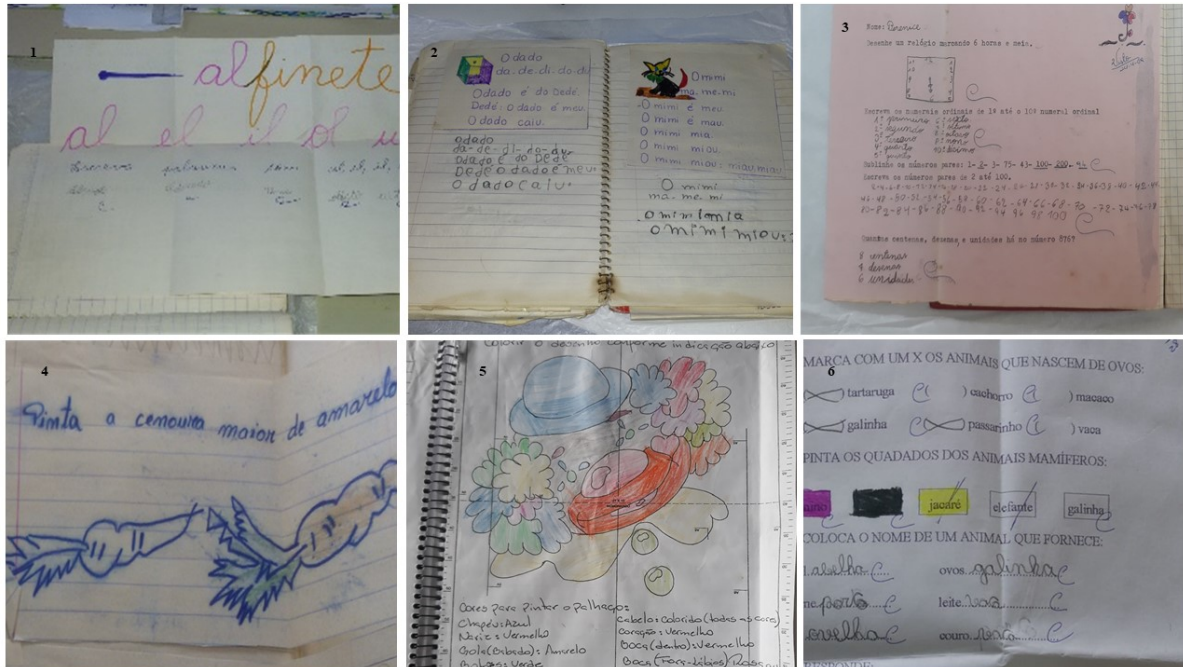


Figura 1-Exemplos das tipologias – 1) Folhinha escrita com caneta e/ou lápis; 2) Folhinha mimeografada; 3) Folhinha datilografada; 4) Folhinha reproduzida com papel carbono; 5) Folhinha fotocopiada e 6) Folhinha impressa.

Fonte: Acervo de cadernos escolares do centro de memória e pesquisa Hisales: C5 (1986); C1 (1977); CO1 (1969); C8 (1994); C14 (2007) e C13 (2001).

Classificadas as tipologias mencionadas se potencializou à prática educativa, caracterizada como fenômeno das folhinhas, como fonte e objeto de análise no campo da cultura escolar.

Assim, definiu-se a partir dos dados, que a produção e reprodução das folhinhas configuram um fenômeno educativo, com características próprias e que revelam quanti e qualitativamente as potencialidades e fragilidades da cultura empírica da escola, defina por Escolano Benito (2017), como:

A cultura empírica da escola se referiria ao âmbito da experiência e se constituiria do conjunto de ações que os docentes criaram ou adaptaram para regular o ensino e a aprendizagem. Essa cultura se reflete não apenas nas condutas dos sujeitos – que a historiografia pode reconstruir, em parte, mediante diversos documentos e testemunhos -, mas também no equipamento ergológico, que configura a chamada cultura material da escola. Os objetos materiais, integrados nas estratégias empíricas do trabalho escolar de alunos e professores, são um reflexo funcional e simbólico das formas de entender e governar a prática (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 120).

O delineamento do conceito de cultura empírica proposto pelo autor e a caracterização do fenômeno das folhinhas permite que se compreenda um pouco mais sobre a experiência

docente, principalmente no âmbito da produção e reprodução de materiais didáticos, expõem algumas ações desenvolvidas pelas professoras para criar, adaptar e regular os processos de ensino. Aspecto que se fez bastante evidente, quando se verificou a pluralidade de estratégias na produção e reprodução de folhinhas como, por exemplo, o aproveitamento de diferentes tipos de papel, estratégias de ocupação espacial nas folhas, da forma de produzir e reproduzir as folhinhas, dos utensílios que foram utilizados na produção, entre outros aspectos. Também, foi possível perceber muitas vezes quais os livros didáticos as professoras utilizavam como base para planejar, produzir e reproduzir as atividades. Um outro elemento que suscitou reflexões, mas que não foi explorado refere-se à intencionalidade pedagógica de cada grupo de atividades, ainda há muito a se problematizar.

Compreende-se então, que o fenômeno das folhinhas faz parte desta cultura empírica da escola, visto que reflete tanto a cultura material disponível para a elaboração das folhinhas, como também se refere a diversas ações, aos conhecimentos, às experiências e adaptações que as professoras desenvolveram solitárias ou solidárias para organizar e regular o ensino e a aprendizagem de suas turmas.

Conclusões

É imprescindível destacar a potencialidade destes materiais, os cadernos de alunos e as folhinhas de atividades, para as investigações nos campos da história da educação e da cultura material escolar, sendo estes importantes artefatos, que contribuem de forma ímpar para verificação de elementos constitutivos das práticas escolares.

Considera-se, ao final do processo de realização da pesquisa, que foi possível compreender que determinada prática pedagógica se constituiu ao longo da periodização (1968 a 2008), nos 419 cadernos verificados e nas 14.383 folhinhas contabilizadas, como fenômeno educativo. Sendo este denominado como fenômeno das folhinhas, pelo qual se pode estruturar uma genealogia dos meios de produção e reprodução das folhinhas de atividades, evidenciando seis tipologias recorrentes, que revelam a materialidade possível e criativa de diferentes contextos escolares, bem como explicitam aspectos da cultura empírica da escola (Escolano Benito, 2017), revelando que as professoras são criativas e remodelam as práticas desenvolvidas historicamente.

Referências

- CERTEAU, Michael de. **A escrita da história**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural – entre práticas e representações**. Portugal: Difel, 2002.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Tradução e revisão técnica: Heloísa Helena Pimenta Rocha, Vera Lucia Gaspar da Silva. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território Plural: A pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010. 111 p.
- VIÑAO FRAGO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.). **Cadernos à**

[1] Os cadernos correspondem a etapa de escolarização de 1º aos 5º anos ou 1ª a 5ª série do ensino fundamental, a nomenclatura se diferencia dependendo do ano do caderno e das políticas educacionais vigentes em cada período.

[2] A cota é definida pelo centro de memória e pesquisa e remete ao número de chegada do caderno ao acervo e ao ano.